

## A constituição do riso pela transgressão do gênero do discurso

Luciana Soares da Silva

**RESUMO:** Este artigo visa ao estudo dos mecanismos linguísticos que constituem o discurso jocoso. Assim, focalizou-se um determinado gênero de discurso, o provérbio, verificando de que maneira é constituído o riso quando eles são modificados. A análise do *corpus*, composto por textos da internet, é fundamentada em estudos do humor e da Análise do Discurso.

**Palavras-chave:** Humor; Análise do discurso; Provérbios.

### Considerações iniciais

Este trabalho visa à sistematização de conceitos estudados sobre o humor, principalmente no tocante à sua relação com a linguagem. Nesse sentido, focalizamos um determinado gênero de discurso, o provérbio, verificando de que maneira é constituído o humor por meio dos processos de *subversão* e *captação* desse gênero. Para tanto, fundamentamos nossa análise em alguns teóricos do humor e da Análise do Discurso e procedemos com a análise.

Diante dessa proposta, faz-se necessária a exposição dos motivadores do estudo do humor. A princípio, conforme Bergson (2004: 2), vale ressaltar que a comicidade está ligada ao homem, ou seja, ao estudarmos o riso, enfocamos uma manifestação própria do ser humano. Desse modo, por ser acoplado ao humano e ao sabermos que ele Ver a referência... é um ser social, reconhecemos que o humor está relacionado à sociedade e à cultura de certo grupo. A comicidade só é constituída pelo humano dentro de certa sociedade. Nessa direção, Propp (1992: 32) diz que “no âmbito de cada cultura nacional, diferentes camadas sociais possuirão um sentido diferente de humor e diferentes meios para expressá-lo”. Ao estudarmos o humor, estamos estudando a própria sociedade.

Quanto à linguagem, destacamos a contribuição de Possenti (1998: 25-26) que, por sua vez, focaliza as piadas como objeto de análise. Para ele, é possível identificar, nas piadas, mecanismos linguísticos do humor. São nesses textos que são reconhecidas manifestações culturais e ideológicas, estereótipos e um “discurso proibido”. Já Travaglia (1995: 42) descreve duas possibilidades na relação da Linguística com o humor. A primeira diz respeito ao uso de textos humorísticos para evidenciar mecanismos do funcionamento da língua e a segunda diz respeito aos mecanismos que são usados para a produção do humor. Todavia, esse autor expõe que essas possibilidades não se excluem, sendo a sua principal preocupação a segunda.

Tendo esses autores como fundamento, constatamos que é possível o humor acontecer por meio de mecanismos linguísticos. Travaglia (1995), por exemplo, trata especificamente das homônimas como *gatilho* linguístico do humor e Possenti (1998) trata de aspectos fonológicos, morfológicos, lexicológicos, sintáticos entre outros para a constituição do humor nos textos humorísticos; ambos, portanto, abordam fenômenos da linguagem para estudar a comicidade. No nosso caso, focalizaremos o riso no que tange à modificação de um gênero de discurso, o provérbio.

## **1. Fundamentação teórica**

Ao termos a enunciação proverbial como objeto de análise, cabe salientar que estamos entendendo provérbios como um *gênero de discurso*. Sobre esse conceito, reconhecemos as contribuições de Bakhtin (2003: 262) que define gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Para ele, o estudo deve levar em conta que a língua dá-se por meio de enunciados (orais e escritos), os quais são definidos como “unidade real da comunicação discursiva”.

Maingueneau (2002: 61), por sua vez, caracteriza gêneros do discurso como “dispositivos de comunicação”. Nesse sentido, informa, explica que os gêneros de discurso têm uma finalidade reconhecida, são estabelecidos neles os papéis a serem assumidos pelo enunciador e co-enunciador, têm um espaço e um momento pré-determinados, necessitam de um suporte material e são associados a uma certa organização textual.

Tratando mais especificamente, Maingueneau (2002) apresenta algumas características possíveis do gênero *provérbios*, indicando que eles, em geral, possuem estrutura binária,

rimas, simetrias sintáticas ou semânticas, construções ou palavras arcaicas. Além disso, discorre:

A enunciação proverbial é fundamentalmente polifônica; o enunciador apresenta sua enunciação como uma retomada de inúmeras enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram aquele provérbio. Não se trata, porém, de uma citação no sentido habitual do termo, como ocorre, por exemplo, no discurso direto. Proferir um provérbio (“Quem tudo quer, tudo perde”, “Tal pai, tal filho” etc.) significa fazer com que seja ouvida, por intermédio de sua própria voz, uma outra voz, a da “sabedoria popular”, à qual se atribui a responsabilidade pelo enunciado. O enunciador não explicita a fonte desse enunciado: cabe ao co-enunciador identificar o provérbio como tal apoiando-se, ao mesmo tempo, nas propriedades lingüísticas do enunciado e em sua própria memória. (Maingueneau, 2002: 169-170).

Ao relacionar a polifonia aos provérbios, o autor aborda a inscrição das *vozes* percebidas no enunciado simultaneamente: a do enunciador (*eu*) e a da sabedoria popular, a qual se caracterizaria como autoridade:

O provérbio é uma asserção sobre a maneira como funcionam as coisas, sobre como funciona o mundo, **dizendo o que é verdadeiro**. O enunciador apóia-se nele para introduzir uma situação particular em um quadro geral preestabelecido, delegando ao co-enunciador a tarefa de determinar a relação existente entre os dois. Assim, o provérbio “Desgraça, quando vem, vem de montão” é convencionalmente associado a situações nas quais um acontecimento se repete. (Maingueneau, 2002: 171). [*grifo nosso*].

Observando essa afirmação, Maingueneau (2002: 173-174) propõe os conceitos de *captação* e *subversão*. *Captação* diz respeito à imitação de um texto, tomando sua mesma direção e apropriando-se de seu valor pragmático; já *subversão* diz respeito à desqualificação do texto imitado, caracterizando a paródia. O autor trata, assim, da possibilidade de captação ou de subversão do gênero de discurso, na qual haveria, no primeiro caso, o reconhecimento das propriedades lingüísticas, como por exemplo, a combinação binária; e, no segundo caso, haveria a contestação do próprio gênero, ou seja, da autoridade da sabedoria popular.

Partindo desses pressupostos, constituímos o nosso *corpus* de análise com uma lista de provérbios modificados encontrados na internet. Reconhecemos, nesse material, a presença de

provérbios subvertidos ou captados, com uma preocupação de provocar o riso. Antes de procedermos à análise, cabem algumas considerações sobre o humor.

Como dito no início deste texto, o riso está ligado ao ser humano que, por sua vez, vive em sociedade, construindo sua cultura e suas relações sociais. Ao focalizar seu estudo, portanto, os estudiosos referem-se àquele que ri e ao objeto risível. Bergson (2004: 13) observa o riso como algo social que castiga os costumes, assim, o riso nasce como uma forma de ataque, de punição e de correção da rigidez do automatismo. Nesse ponto, vemos que o objeto se torna risível por meio da quebra de sua rigidez, o que reforça a idéia de que o riso é social, pois o sujeito só ri a partir do reconhecimento de que haveria certa seqüência e esta é interrompida. Segundo esse autor, a comicidade “dirige-se à inteligência pura, sendo incompatível com a emoção” (2004: 104).

Cabe aqui, em paralelo, trazer a contribuição freudiana que trata do conceito de *chiste*, relacionando-o ao inconsciente. Para Freud, o chiste é produtor de prazer, sendo uma forma de expressão socialmente aceitável, o qual ajuda a suportar os desejos recalçados (cf. Roudinesco, 1998: 112-113). Em um texto que aborda o riso na história, a autora expõe:

Em linhas gerais, a tese de Freud consiste em dizer que o processo de formação do chiste é análogo ao do sonho. A relação entre o chiste e o inconsciente aparece inicialmente no texto sob a forma de uma psicogênese do chiste, que revela, segundo Freud, que a origem do prazer no chiste é o *jogo com as palavras* e os *pensamentos na infância*, que cessa tão logo a crítica ou a razão declaram a ausência de sentido. (Alberti, 1999: 17).

Esse pensamento de Freud leva-nos a compreender o quanto a busca do prazer, por meio de diversas estratégias - piadas, jogos etc. - é característico do ser humano. Importante frisar que ao ser ligado ao inconsciente, o chiste acaba por evidenciar as ansiedades dos sujeitos, revelando, como dito por Possenti (1998: 28), um discurso proibido. Esse autor, também, apresenta uma reflexão acerca do chiste, trazendo a contribuição de Raskin:

Segundo Raskin, uma caracterização do chiste, feita em termos semânticos, conteria os seguintes ingredientes: a) uma mudança do modo de comunicação bona-fide para o modo não bona-fide de contar piadas; b) o texto considerado chistoso; c) dois scripts (parcialmente) superpostos compatíveis com o texto; d) uma relação de oposição entre os dois scripts; e) um gatilho, óbvio ou implícito, que permite passar

de um script para outro. Se Raskin estiver certo, fica claro que uma piada não se constitui apenas de elementos verbais. No entanto, para que a linguística possa dar ao campo uma contribuição específica, e que ainda falta, porque os outros campos não o farão, deveria dar-se como tarefa, no campo do humor, a descrição dos gatilhos e das razões que fazem um texto ser compatível com mais de um script. Ou seja, a pergunta que a linguística deve responder é: Qual é a característica textual, verbal da piada? (Possenti, 1998: 22-23).

Embora o autor refira-se a determinado texto humorístico – piadas - destacamos a importância de sua abordagem, uma vez que reconhece que o chiste não é basicamente formado de “elementos verbais”, mas compete aos estudos linguísticos preocuparem-se com esse aspecto, mostrando o seu diferencial como ciência.

Tendo essas idéias como primícias, focalizamos a origem da comicidade, conforme Bergson (2004), o qual trata de diversos aspectos ligados ao riso. Diante de nossos objetivos e da possibilidade de diálogo destes pontos com as abordagens de outros autores, priorizamos o que o autor chamou de *comicidade de situação* e de *comicidade de palavra*.

Sobre a comicidade de situação, ao qual também se refere como *vaudeville*, afirma que “é cômica toda combinação de atos e de acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, a ilusão de vida e a sensação nítida de arranjo mecânico.” (Bergson, 2004: 51). Nesse sentido, expõe três procedimentos do vaudeville: *repetição*, *inversão* e *interferência de séries*. O primeiro diz respeito à repetição de uma situação, a qual é exemplificada pelo autor:

Imagine-se então uma série de acontecimentos imaginários que transmita suficiente ilusão de vida, supondo-se no meio dessa série que progride, uma mesma cena a reproduzir-se, seja entre as mesmas personagens, seja entre personagens diferentes: haverá também uma coincidência, porém extraordinária. Tais são as repetições apresentadas no teatro. Elas são tanto mais cômicas quanto mais complexa é a cena repetida e quanto mais naturalmente é conduzida, duas condições que parecem excluir-se e que deverão ser conciliadas pela habilidade do autor dramático. (Bergson, 2004: 67).

Quanto ao segundo, *inversão*, Bergson (2004: 69) ressalta a analogia que este tem em relação ao primeiro e afirma que a obtenção da cena cômica ocorrerá quando a situação se

inverter e os papéis forem trocados. Em relação ao terceiro, *interferência de séries*, o autor o define deste modo:

Uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes. (Bergson, 2004: 71).

Sobre a comicidade de palavra, Bergson (2004) distingue-a entre a comicidade que a linguagem exprime e a comicidade que a linguagem cria. No primeiro caso, é possível a tradução, já no segundo, na maioria das vezes, não, pois está ligada à estrutura das frases e à escolha das palavras. Pensando na obtenção da comicidade, o autor diz que a frase cômica será constituída pela inserção de uma idéia absurda e, por outro aspecto, haverá efeito cômico quando uma expressão é entendida em seu sentido quando deveria ser entendida em seu sentido figurado.

O autor, ainda, observa a comicidade de palavras partindo dos três procedimentos citados anteriormente (repetição, inversão e interferência de séries). Para ele,

*Inversão e interferência*, em suma, são apenas jogos mentais que redundam em jogos de palavras. Mais profunda é a comicidade da transposição. A transposição é para a linguagem corrente o que a repetição é para a comédia. (Bergson, 2004:91) [grifos do autor].

Numa contraposição entre Bergson (2004) e Propp (1992), verificamos que o primeiro tem como prioridade os procedimentos de fabricação da comicidade e o segundo, por sua vez, quer apresentar a especificidade da comicidade. Tratemos, então, desse outro autor.

Propp (1992), partindo de críticas a estudos sobre o riso, inclusive a Bergson, opta por tratar o cômico sem diferenciá-lo do ridículo como outros autores. Aborda em seu trabalho o “riso de zombaria” e “outros tipos de riso”, procurando identificar e classificar o cômico.

Ao discutir sobre o riso, o autor afirma que esse ocorre com a presença de duas grandezas: um objeto ridículo e um sujeito que ri. Tal como Bergson (2004), Propp (1992) relaciona o cômico ao humano e o reconhece no âmbito social, reconhecendo que fatores sócio-históricos determinam o humor.

Um outro ponto de diálogo entre esses autores é quando tratam sobre a caricaturização. De acordo com Propp (1992: 46), a comicidade encontra-se na correlação entre natureza física e espiritual, sendo que a primeira põe à mostra os defeitos do segundo, logo o corpo humano pode se tornar ridículo, constituindo o objeto risível. Bergson (2004: 17), por sua vez, afirma que “pode tornar-se cômica toda deformidade que uma pessoa bem-feita consiga imitar”. A ideia que perpassa aqui é a de focalizar um determinado aspecto do corpo humano e, ao exagerá-lo, destacá-lo, provocar o riso.

Propp (1992: 65), nessa direção, ao tratar da comicidade das diferenças, ressalta que o disforme, a desproporção que vai contra a harmonia da natureza provoca o riso. Além disso, a animalização/ coisificação do humano, segundo o autor, são outras formas de constituição da comicidade. Do mesmo modo, a humanização do animal também gera o riso.

Sobre a caricatura, ainda, Travaglia (1992), ao analisar programas de humor da televisão brasileira, aborda a paródia caricatural, a qual se constituiria pelas imitações de figuras da sociedade com o objetivo de ridicularizá-las. Propp (1992: 87) afirma que a paródia é um dos instrumentos mais pertinentes de sátira social e que, ao ser realizada, provoca o riso por meio da revelação da fragilidade interior do objeto parodiado.

Pelo que podemos perceber, é possível a paródia em várias situações, tanto no âmbito da comicidade de situação, ao imitar determinadas figuras públicas, quanto no âmbito da comicidade de palavra, como percebemos em nosso próprio *corpus* de análise, em que ocorre a paródia do gênero *provérbio*. Nesse caso, o objeto posto ao ridículo é percebido por meio dos processos de captação e subversão do gênero discursivo. Antes de procedermos com a análise, vale ressaltar mais alguns pontos abordados por Propp acerca dos instrumentos linguísticos de comicidade.

O primeiro aspecto tratado por esse autor é o *calembur* (jogo de palavras), o qual surge do emprego de meios propriamente lingüísticos que acabam por gerar o cômico. Para ele, “no calembur o riso é despertado quando em nossa consciência o significado mais geral da palavra passa a ser substituído pelo significado exterior, ‘literal’”. (Propp, 1992: 121).

Um segundo aspecto diz respeito ao paradoxo, o qual possibilita o riso caso a contraposição seja inesperada. Há, também, um terceiro, a ironia, que se aproxima do paradoxo. Segundo Propp (1992: 125), “se no paradoxo conceitos que se excluem mutuamente são reunidos apesar de sua incompatibilidade, na ironia expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário”.

Além desses, são importantes, neste trabalho, mais dois aspectos expostos pelo autor: os “erros de língua” e os “nomes cômicos”. Tanto um quanto o outro estão no nível da microestrutura, ou seja, do léxico, provocando o riso por meio da modificação ou da criatividade na seleção das palavras.

Embora haja uma série de outros estudos acerca do humor, optamos por trazer apenas alguns pontos que consideramos *chave* para o entendimento do *corpus* selecionado.

## 2. Análise do *corpus*

Fundamentando-nos nos estudos indicados anteriormente, estabelecemos alguns procedimentos para a análise do *corpus*. Num primeiro momento, separamos os provérbios modificados em dois quadros de acordo com os conceitos de captação e subversão propostos por Maingueneau (2002) em paralelo com as versões originais. Tal processo foi possível mediante a própria característica desse gênero que é altamente relacionado à cultura, à sociedade em que está inserido, sendo interiorizado por meio da prática social. Conforme Bakhtin (2003), a língua dá-se através de enunciados relativamente estáveis, ou seja, há determinada “estrutura” que caracteriza certo gênero e, por meio da interação social, ela é assimilada. Em seguida, agrupamos alguns provérbios modificados de acordo com suas semelhanças, propondo uma reflexão sobre a causa do riso.

Neste quadro, reunimos os textos que se apresentavam como subversivos aos textos originais:

### Quadro I

Subversão – subverte parte do provérbio:

<i>Há males... que vêm para pior.</i>	“Há males que vêm para o bem.”
<i>Alegria de pobre... é impossível.</i>	“Alegria de pobre dura pouco.”
<i>Quem não deve... está sem dívida.</i>	“Quem não deve, não teme.”
<i>Gato escaldado... morre cozido.</i>	“Gato escaldado tem medo de água fria”
<i>Família que reza unida... é religiosa pra cacete.</i>	“Família que reza unida permanece unida”
<i>Quem vê cara... está perdendo tempo, era melhor estar olhando para a bunda.</i>	“Quem vê cara, não vê coração”
<i>Quando um não quer... o outro vira pro outro lado e dorme puto da vida.</i>	“Quando um não quer, dois não brigam”



<i>Sol e chuva... <b>vou sair de guarda-chuva.</b></i>	“Sol e chuva, casamento de viúva”
<i>Não tenho tudo que amo, mas.... <b>DANE-SE.</b></i>	“Não tenho tudo que amo, mas amo tudo o que tenho”
<i>Devagar... <b>se chega atrasado.</b></i>	“Devagar se vai longe”
<i>Mais vale um na mão... <b>do que dois no sutiã.</b></i>	“Mais vale um na mão do que dois voando”
<i>Água mole em pedra dura tanto bate... <b>até que molha tudo.</b></i>	“Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”
<i>Quem casa... <b>se estrepa.</b></i>	“Quem casa quer casa”
<i>Quem rouba dos ricos e dá aos pobres. <b>Além de ladrão é gay.</b></i>	“Quem rouba os ricos e dá aos pobres tem cem anos de perdão”
<i>Em terra de cego quem tem <b>um olho é caolho.</b></i>	“Em terra de cego quem tem olho é rei”
<i>Depois da tempestade... vem <b>a queda de luz e também a gripe, a pneumonia e o caixão.</b></i>	“Depois da tempestade vem a calmaria”
<i>Quem espera... <b>sempre cansa.</b></i>	“Quem espera sempre alcança”
<i>Quem dá aos pobres... <b>ainda tem que pagar o motel.</b></i>	“Quem dá aos pobres empresta a Deus”
<i>Os últimos... <b>serão desclassificados com toda certeza.</b></i>	“Os últimos serão os primeiros”
<i>Quem não tem cão .....<b>não gasta dinheiro com ração.</b></i>	“Quem não tem cão, caça com gato”
<i>O Pior cego é aquele que <b>anda sem bengala.</b></i>	“O pior cego é aquele que não vê”
<i>Dize-me com quem andas e se ele tem <b>um carro que te direis se és burra.</b></i>	“Dize-me com quem andas que te direi quem és”
<i>Deus iscrevi sértu...<b>mas eu não!</b></i>	“Deus escreve certo por linhas tortas”
<i>Quem ri por último... <b>ou é surdo ou retardado!</b></i>	“Quem ri por último, ri melhor”
<i>Em terra de cego, quem tem <b>um olho, vê cada coisa...!</b></i>	“Em terra de cego, quem tem olho é rei”
<i>É nos pequenos frascos que <b>cabe menos perfume.</b></i>	“É nos pequenos frascos que estão os melhores perfumes”
<i>Se Deus criou os homens à sua imagem e semelhança, <b>as mulheres, servindo aos homens, estão servindo a Deus...</b></i>	“Deus criou o homem a sua semelhança”

## Quadro II

Neste segundo quadro, reunimos aqueles que captavam uma parte do provérbio original e acrescentavam mais um aspecto lexical, os quais estão destacados em negrito. Esse “trecho” adicionado parece ser a voz do enunciador que, ao recuperar a voz da sabedoria popular por meio da captação do provérbio, evidencia a sua própria voz, contestando a anterior.

### Captação

<i>Quem cedo madruga... <b>tem mais tempo pra fazer nada.</b></i>	“Deus ajuda quem cedo madruga”
---	--------------------------------

<i>A esperança e a sogra são as últimas que morrem.</i>	“A esperança é a última que morre”
<i>A fê remove montanhas... a dinamite nem se fala .</i>	“A fê remove montanhas”
<i>O dinheiro não é tudo...tem também o carro, a casa, o Computador.</i>	“Dinheiro não é tudo”
<i>Devagar se vai longe... mas demora um tempão!</i>	“Devagar se vai longe”
<i>A primeira impressão é a que fica ... se o cartucho for novo!</i>	“A primeira impressão é a que fica”

Um aspecto geral relevante para a compreensão desses textos diz respeito ao fato de terem sido selecionados de um gênero muito conhecido do saber popular, o provérbio, e todos eles, por meio de sua modificação, apresentarem uma mudança semântica. Nenhum deles segue o mesmo efeito de sentido que produziria a versão original, apresentando, por vezes, um sentido contrário, ou, em outras, um novo sentido.

Além disso, um outro ponto em comum é acerca da quebra da expectativa, ou, usando um termo de Bergson (2004), quebra do automatismo. Por ser um gênero bastante versado, quando se inicia a leitura, automaticamente, graças ao conhecimento prévio, o sujeito completa, no nível cognitivo, o enunciado, porém, ao notar a modificação, ri, pois a expectativa não é realizada.

Passemos, agora, aos grupos formados com esses textos. O primeiro deles foi constituído com os que de alguma maneira iam contra aos valores propostos pela sabedoria popular, o segundo com os que se relacionavam à sexualidade, o terceiro com os que apresentavam algum tipo de estereótipo e, por fim, o quarto com os que relevavam um aspecto lexical.

#### Grupo I - Quebra de valores

<b>Subvertidos</b>	<b>Captados</b>
<i>Há males... que vêm para pior.</i>	<i>Quem cedo madruga... tem mais tempo pra fazer nada.</i>
<i>Alegria de pobre... é impossível.</i>	<i>A esperança e a sogra são as últimas que morrem.</i>
<i>Família que reza unida... é religiosa pra cacete.</i>	<i>A fê remove montanhas... a dinamite nem se fala .</i>
<i>Não tenho tudo que amo, mas.... DANE-SE.</i>	

<i>Devagar... se chega atrasado.</i>	<i>Devagar se vai longe... mas demora um tempão!</i>
<i>Quem casa... se estrepa.</i>	
<i>Em terra de cego quem tem um olho é caolho.</i>	
<i>Depois da tempestade... vem a queda de luz e também a gripe, a pneumonia e o caixão.</i>	
<i>Quem espera... sempre cansa.</i>	
<i>Os últimos... serão desclassificados com toda certeza.</i>	
<i>Quem não tem cão .....não gasta dinheiro com ração.</i>	
<i>Quem ri por último... ou é surdo ou retardado!</i>	
<i>Em terra de cego, quem tem um olho, vê cada coisa...!</i>	
<i>É nos pequenos frascos que cabe menos perfume.</i>	

Há de se considerar, nesse grupo, que é próprio da cultura brasileira o cultivo do otimismo. Sendo assim, os provérbios tendem a trazer uma idéia positiva frente a alguma situação (“Quem espera sempre alcança”). Pelo processo de subversão, no entanto, há uma contestação dessa orientação (*Quem espera sempre cansa*), bem como por meio do processo de captação (*Devagar se vai longe... mas demora um tempão!*).

## Grupo II – Sexualidade

<b>Subvertidos</b>
<i>Quem vê cara... está perdendo tempo, era melhor estar olhando para a bunda.</i>
<i>Quando um não quer... o outro vira pro outro lado e dorme puto da vida.</i>
<i>Mais vale um na mão... do que dois no sutiã.</i>
<i>Quem rouba dos ricos e dá aos pobres. Além de ladrão é gay.</i>
<i>Quem dá aos pobres... ainda tem que pagar o motel.</i>

No segundo grupo, a questão da sexualidade é o tema central. Numa sociedade em que muitos desejos são recalcados ou reprimidos, segundo Freud, o humor torna-se um meio em que se é permitido expô-los. Deixa-se de lado o pudor para abordar diretamente o tema.

### Grupo III – Estereótipo

<b>Subvertidos</b>
<i>Dize-me com quem andas e se ele tem um carro que te direis se és burra.</i>
<i>Se Deus criou os homens à sua imagem e semelhança, as mulheres, servindo aos homens, estão servindo a Deus...</i>

Nesse terceiro grupo, há a reprodução da imagem estereotipada da mulher na sociedade e, sobretudo, quando referenciada em textos humorísticos, de interesseira e submissa aos homens. Como diz Travaglia (1992), as produções humorísticas trazem uma série de reproduções de preconceitos e estereótipos a fim de causar o riso.

### Grupo IV – Léxico

<b>Captados</b>
<i>Deus iscrévi sértu...<b>mas eu não!</b></i>
<i>A primeira impressão é a que fica... <b>se o cartucho for novo!</b></i>

É importante destacar, nesse quarto e último grupo, que há fenômenos próprios que auxiliam na constituição do humor. No primeiro provérbio modificado, há a concretização do sentido sugerido pela frase em negrito. A voz do enunciador (“eu”) capta a idéia proposta pela voz autoridade (sabedoria popular), mas a põe em contraposição a si mesmo. Já no segundo, ocorre a homonímia, na qual, palavras idênticas tomam sentidos diferentes. Segundo Travaglia (1995: 43), para a construção de sentido numa situação de interação comunicativa, é preciso ativar o conhecimento de mundo dos interlocutores a partir do material lingüístico, o qual constitui o mundo textual dos mesmos. Em relação aos textos humorísticos, afirma que há a *bissociação* que ativa dois mundos textuais. É o que ocorre aqui ao serem inferidos os dois significados da palavra *impressão*: uma que se refere a certo comportamento social e outra a um procedimento de uma impressora.

### Considerações finais

Ao final deste trabalho, cabem algumas considerações sobre o estudo aqui realizado. É fato reconhecer que o humor é próprio do ser humano que, por sua vez, está inserido em dada sociedade, o que motivará o riso conforme a realidade vivenciada pelos sujeitos.

Ao focalizarmos a modificação de um gênero de discurso, o provérbio, trouxemos à tona uma forma de mecanismo linguístico do humor, uma vez que verificamos que a subversão e captação desses enunciados provocam o riso. Vejamos o que acreditamos ser os motivadores da comicidade nesses enunciados.

Em primeiro lugar, há a quebra de expectativa do co-enunciador, pois ele, ao ter contato com o enunciado, automaticamente ativa seu conhecimento de mundo o que o levaria a completá-lo, no entanto, tem sua expectativa frustrada ao reconhecer o novo sentido dado, surgindo o riso. Nessa visão, cabe a reflexão sobre bissociação trazida por Travaglia (1995), citado em nosso trabalho, já que reconhecemos a interferência de dois mundos textuais.

Em segundo, há, tanto na subversão quanto na captação, um sentido novo, ou contrário ao provérbio, o que faz ocorrer a contestação de um discurso de autoridade proveniente da sociedade. Reconhecemos aqui o processo de polifonia, em que, segundo Maingueneau (2002), há a voz do enunciador (eu) e a da autoridade (sabedoria popular).

Em terceiro, há a produção do prazer por meio do jogo de palavras, o qual, de acordo com os estudos de Freud, é um meio de expressão socialmente aceitável o que daria aval para tratar da sexualidade, dos tabus da sociedade etc. (cf. Roudinesco, 1998: 112-113).

Por fim, gostaríamos de destacar a relevância do estudo do humor, visto que ele possibilita um entendimento mais profundo da sociedade e, ao abordá-lo com os “olhos” da linguística, podemos reconhecer mecanismos da linguagem que viabilizam a comicidade. Para nós, embora haja outras maneiras de constituição do humor, a linguagem é a principal forma de composição da comicidade.

### **Referências bibliográficas**

ALBERTI, V. **O riso e o risível: na historia do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 2003.

- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 2 ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.
- PROPP, V. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- TRAVAGLIA, L. C. Homonímia, mundos textuais e humor. **Organon 23**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 41-50, 1995.
- TRAVAGLIA, L. C. O que é engraçado? – Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Leitura: Revista do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas**. Universidade Federal de Alagoas, CHLA, p. 43- 79, 1992.

## **Anexos**

### **PROVÉRBIOS (fonte: e-mail pessoal)**

- Os últimos... serão desclassificados com toda certeza.
- Quem cedo madruga... tem mais tempo pra fazer nada.
- Há males... que vêm para pior.
- Alegria de pobre... é impossível.
- Quem não deve... está sem dívida.
- Gato escaldado... morre cozido.
- Família que reza unida... é religiosa pra cacete.
- Quem vê cara... está perdendo tempo, era melhor estar olhando para a bunda.
- Quando um não quer... o outro vira pro outro lado e dorme puto da vida.
- Sol e chuva... vou sair de guarda-chuva.
- Não tenho tudo que amo, mas.... DANE-SE.
- Devagar... se chega atrasado.
- Mais vale um na mão... do que dois no sutiã.

Água mole em pedra dura tanto bate... até que molha tudo.  
Quem casa... se estrepa.  
Quem rouba dos ricos e dá aos pobres. Além de ladrão é gay.  
Em terra de cego quem tem um olho é caolho.  
Depois da tempestade... vem a queda de luz e também a gripe, a pneumonia e o caixão.  
Quem espera... sempre cansa.  
Quem dá aos pobres... ainda tem que pagar o motel.  
A esperança e a sogra são as últimas que morrem.  
A fé remove montanhas... a dinamite nem se fala .  
Escreveu, não leu? Então é burro.  
O dinheiro não é tudo...tem também o carro, a casa, o Computador.  
Quem não tem cão .....não gasta dinheiro com ração.  
O Pior cego é aquele que anda sem bengala.  
Dize-me com quem andas e se ele tem um carro que te direis se és burra.  
Deus iscrévi sértu...mas eu não!  
A fé remove montanhas, a dinamite então, nem se fala!  
Quem ri por último... ou é surdo ou retardado!  
A primeira impressão é a que fica ... se o cartucho for novo!  
Devagar se vai longe... mas demora um tempão!  
Em terra de cego, quem tem um olho, vê cada coisa...!  
Se Deus criou os homens à sua imagem e semelhança, as mulheres, servindo aos homens, estão servindo à Deus...  
No Carnaval, faça sexo com segurança. Não!!! É com preservativo, não com o segurança do Clube...  
Quem tem boca vai a Roma. Mas meu fogão tem quatro bocas e não sai da minha cozinha.  
É nos pequenos frascos que cabe menos perfume.